



Do poema à canção: a vocoperformance, de Leonardo Davino de Oliveira

Lucas Leite Borba

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0040-2344>

E-mail: lucasleiteborba98@gmail.com

Ruth Finnegan, em “O que vem primeiro: o texto, a música ou a performance?” (2008), postula que os recursos emotivos e acústicos da voz são comuns tanto à canção quanto à poesia. Para a autora, “O som e a voz são essenciais em todos os gêneros de arte verbal performatizada (e isso não é parte do que entendemos por ‘poesia’?)” (Finnegan, 2008, p. 29). A união entre os elementos verbais e não verbais, bem como as confluências — e distensões — entre letra e poema, delineiam o campo dos estudos cancionais, cuja proposta é valorizar a canção, muitas vezes negligenciada em comparação à poesia. Nesse contexto, a obra *Do poema à canção: a vocoperformance* (2023), do professor Leonardo Davino de Oliveira, alinha-se à proposta de Finnegan, Zumthor e Tatit. O autor tece uma complexa tapeçaria de análises, examinando as oscilações entre o eu lírico e voz canacional, letra e verso, nos encontros e desencontros desses gêneros, que se reúnem na performance vocal — no som que ecoa da página para a mente, e dos palcos aos ouvidos.

A anotação de Tatit, quando afirma que “tudo que a letra desconecta da enunciação, a melodia se encarrega de reconectar” (Tatit, 2016, p. 78), em *Estimar canções*, utilizada por Oliveira na análise da reinterpretação de Socorro Reis da literatura de Maria Firmina dos Reis, percorre toda base filosófica dos seus ensaios. As pontes que o autor faz entre as vozes do cantor brasileiro e da literatura nacional revestem essa reconexão entre o que é dito e como é dito, dirimindo o golfo entre a palavra e o som. Há uma filosofia da reanimação que permeia essa *práxis* — pensando o enovelamento teórico à prática de analisar essas vocoperformances — de Oliveira, na qual o poema cantado é um modo de ler o eu lírico. É uma forma de recolocar a palavra escrita na voz, em uma estética sonora baseada em uma ética do resgate histórico.

A proposta central de Oliveira é explorar, em diversas instâncias do cantor brasileiro, o potencial inerente à poesia musicada. Pensando nos meandros ético-estéticos da leitura poética, sua obra oferece uma contribuição plural aos estudos cancionais, apresentando ensaios-laboratório que investigam as escolhas dos artistas ao musicarem poemas. A base filo-



sófica do livro reside, portanto, no movimento de “devolver a voz ao poema”, como o autor aponta em sua apresentação. É daí que o termo “vocoperformance” ganha notoriedade em seu título: o interstício da performance, o processo que ocorre na musicalização e transforma a experiência do poema em algo sonoramente contingente e multifacetado, situa-se entre a palavra escrita e a entoada.

Cada capítulo da obra apresenta uma análise que contempla tanto quem interpreta as canções quanto quem as escreveu sob a forma de poema. Os textos foram produzidos em momentos distintos da carreira de Oliveira, sendo alguns rascunhados inicialmente no blog *Lendo Canção*¹, como resultado das suas pesquisas sobre a relação entre palavra escrita e palavra cantada. Tais ensaios estão profundamente imersos em um contexto de sala de aula: o próprio Oliveira aponta que as inflexões e os debates com seus alunos da UERJ — membros do projeto de pesquisa Poesia e Vocoperformance — foram basilares para a formação dos textos. Portanto, o livro é também uma afirmação do lugar da canção no ambiente acadêmico, especialmente no contexto da pesquisa universitária.

A tarefa de transformar a estrutura autotélica da poesia escrita na heterotélica canção requer do cantor conhecimentos interarte. Cantar um poema é encontrar a entonação embrionária das palavras; é reativar o uso primário da linguagem. E reafirmar que a palavra cantada é anterior à palavra escrita. No plano textual, versos viram refrão, há cortes enxertos e deslocamentos de palavras. E assim quem canta inventa uma parceria com quem escreveu (Oliveira, 2023, p. 105-106).

Baseado na premissa de que a palavra cantada antecede a escrita, Oliveira argumenta que a musicalização de um poema é um ato de tradução interartística; um processo que transforma o poema, de estrutura autotélica, em uma canção heterotélica aberta à performance. Tal tarefa exige que o cantor atue como um coautor, resgatando a essência sonora e performática primária da linguagem. No plano textual, isso implica fazer cortes, enxertos e deslocamentos de versos — que podem virar refrões — culminando na invenção de uma parceria criativa entre o poeta e o músico. Se a vida primária do poema é ser lido (assim como peças são feitas para encenação e partituras para toque), o que Oliveira propõe é que essa vida se metamorfoseia na experiência da canção. Por meio da análise de obras que vão de Caetano Veloso e Nara Leão a Cazuza e Cid Campos, o autor instiga o leitor a conhecer as “sobrevidas” do poema na melodia e na composição desses intérpretes. No lugar de definir o espaço literário que habita a canção, Oliveira se preocupa com a canção enquanto gênero:

A canção, o teatro, a escultura, a arquitetura, a pintura, a poesia são *linguagens em progresso*, são exercícios de experimentação do gesto artístico. Até chegar ao formato consolidado que temos hoje — e que, por resistência e conformismo com o mercado, ainda vai imperar por longo tempo — a canção passou (passa) por várias transformações. Muitas dessas impostas pelo suporte. Mas, se no século XX a forma-canção parecia definitivamente assentada, consensualmente, os sons eletrônicos e a internet vieram destruir essa certeza. São muitas e descentradas as possibilidades se fazer canção hoje (Oliveira, 2023, p. 179).

¹ Disponível em: <https://lendocancao.blogspot.com/>.

Na tessitura das canções, os poemas não apenas ganham novas particularidades, mas também suscitam novas discussões teóricas. José Wisnik, em “Algumas questões de música e política no Brasil” (1992), afirma que “o canto potencia tudo aquilo que há na linguagem, não de diferença, mas de presença. E presença é o corpo vivo: não as distinções abstratas dos fonemas, mas a substância viva do som, força do corpo que respira” (Wisnik, 1978, p. 12). É nesse lastro conceitual que Oliveira mergulha, explorando esse corpo vivo, a substancialização da palavra, as camadas do canto e a nova voz nascida desse encontro.

O livro de Oliveira abrange um público diversificado: desde aqueles que já possuem familiaridade com os estudos cancionais, até o leitor que se interessa por poemas ou canções individualmente, ou que é simplesmente um apreciador da música popular brasileira — foco central da obra. Para quem tem a curiosidade de desvendar os mecanismos que ligam canção e poema, e entender como a voz cantada faz surgir um novo significado na palavra escrita, a obra oferece uma generosa oportunidade de reflexão e aprendizado. Esse processo investigativo é constante em cada ensaio. Ao refletir sobre a reinterpretação de Mário de Andrade por Iara Rennó, por exemplo, Oliveira observa: “Quando lemos um texto, entre outros artifícios, os sinais oferecidos pelo narrador são os que nos auxiliam a distinguir as intenções” (Oliveira, 2023, p. 77). É com essa escuta atenta que o autor examina as idiossincrasias da poesia e da canção, os contornos da palavra escrita e as camadas da palavra cantada. Assim, *Do poema à canção: a vocoperformance* se estabelece como um espaço fértil de reflexão e um importante exercício metodológico para aqueles que se dedicam ou se interessam pela pesquisa que une canção e literatura sob a lente da performance.

REFERÊNCIAS

FINNEGAN, Ruth. Which comes first: the words, the music or the performance?. Tradução de Fernanda Teixeira de Medeiros. In: MATOS, Cláudia Neiva de; TRAVASSOS, Elizabeth; MEDEIROS, Fernanda Teixeira de (Orgs.). **Palavra cantada**: ensaios sobre poesia, música e voz. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008, p. 15-45.

LENDON CANÇÃO. **Lendo Canção**. Disponível em: <https://lendocancao.blogspot.com>. Acesso em: 15 out. 2025.

OLIVEIRA, Leonardo Davino de. **Do poema à canção: a vocoperformance**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2023.

TATIT, Luiz. **Estimar canções**: estimativa e gosto na canção popular. Cotia: Ateliê, 2016.

WISNIK, José Miguel. Onde não há pecado nem perdão. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; PRADO JR., Bento (Org.). **Almanaque 6**: cadernos de literatura e ensaio. São Paulo: Editora Brasiliense, 1978.